

OPINIÃO DO LEITOR

No dia em que renasci

A idéia de hospital, centro cirúrgico, maca, UTI assusta muita gente. Não para quem deposita nesse longo caminho a certeza de voltar a viver. Com 161 quilos – e quem é obeso sabe do que estou falando –, eu não tinha mais vontade para nada. Já não queria sair de casa com a minha família porque nem roupa tinha para isso – nada mais servia.

Pensava duas vezes antes de ir ao trabalho, afinal, subir e descer escadas era um sacrifício; não comparecia a festas, mesmo as de família, para evitar piadinhas e comentários – “Você precisa parar de comer, daqui um dia vai explodir”, “nossa como você engordou” – e a famosa cadeira de plástico dos bares, que não suportam o peso. E a gente ainda tem de passar pelo constrangimento quando ela quebra. Constrangimentos e comentários que só serviam para aumentar ainda mais minha ansiedade e, quanto mais falava, mais eu comia. Era uma forma de “compensar” o sofrimento. E como sofremos!

A decisão de fazer a cirurgia de redução do estômago não foi fácil, mas na época eu não tinha uma outra alternativa, pois já havia perdido o controle e, a cada dia, eu engordava mais. Às vezes eu ouvia alguém dizer: “É só parar de comer, que você emagrece”, mas ninguém tinha idéia do quanto eu já havia tentado. E isso não é questão de

querer: a obesidade é uma doença que hoje atinge cerca de 16 milhões de pessoas, segundo dados do Ministério da Saúde e, por mais que a pessoa se esforce, não é fácil. Sem falar que a nossa ansiedade é muito grande para os resultados lentos do regime e acabamos desistindo na metade do tratamento.

Mas toda a minha mudança teve início no dia 17 de dezembro de 2001. Sabia de todos os riscos da cirurgia, mas – na minha balança – eles eram menores do que eu já estava correndo. Na época, meu peso chegou a 162 quilos; por isso, entrei no hospital confiante de que precisava mudar de vida. E que mudança! Em um mês, emagreci 27 quilos, pouco em relação ao que estava pesando. Mas, para quem não conseguia perder nem meio grama, já era uma grande vitória. O processo continuou nos próximos meses e, quando completei um ano de cirurgia, já tinha perdido 73 quilos. Tinha disposição para caminhar, sair com os meus filhos, de fazer o que antes era impossível por causa da obesidade. É um reencontro com a auto-estima, que havia se perdido em meio ao preconceito. E quem vive essa discriminação sabe que ela é forte e que ninguém mede as palavras para te cobrar algo que você mesmo se cobra todos os dias, mas que já não está ao seu alcance.

Lembro-me, como se fosse hoje, de uma amiga me convidando para caminhar: “Vamos

andar, Carrijo, você precisa é se movimentar para perder peso; só sentado e andando de carro você não vai emagrecer”. Aquilo doía muito, porque eu não conseguia andar e, quando tentava, as minhas pernas ficavam assadas. Quando emagreci, prometi a mim mesmo que ajudaria outras pessoas a vencer a obesidade. Fundei em novembro de 2002 a Associação Brasileira de Apoio ao Obeso (Abao) – hoje com mais de 350 associados. O objetivo era lutar pelos direitos dos obesos e, principalmente, pelo credenciamento do Hospital de Clínicas pelos SUS para a cirurgia de redução do estômago. Já aprovei alguns projetos que beneficiam obesos, e o processo para o credenciamento está em andamento – deve sair no próximo ano. Como a luta contra a obesidade não pára por aí, fundei neste ano o Grupo Renascer de Comedores Compulsivos Anônimos (CCA). Descobri que a cirurgia é uma opção, e não a solução para os problemas da obesidade. Mesmo depois de emagrecer, continuei tendo compulsão por chocolates, amendoim, dentre outros doces. Comia sem limites, até que um dia, fui a Brasília participar de uma reunião de CCA e admiti ser um compulsivo. Voltei de lá com o compromisso de me abster do chocolate. Já são quatro semanas sem o doce.

ANTÔNIO CARRIJO

Vereador e membro-fundador da Abao e do CCA
Uberlândia – MG